

Resenha

Antônio Bispo dos Santos: O plantio das palavras

Andrea Varella Teixeira

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/ Piseagrama, 2023.



Mandacaru, xiquexique
 Coroa-de-frade e quipá
 Macambira, unha-de-gato
 Jurema e caroá
 A beleza dos espinhos
 Ornamentam os caminhos
 Onde eu gosto de andar
 (Santos, 2023)

Antônio Bispo dos Santos, ou Nego Bispo, foi um pensador quilombola, ativista, escritor e poeta. Nasceu em 1959, em São João do Piauí (PI), e morreu em 2023. Foi o primeiro da família a ser alfabetizado, completando apenas o ensino fundamental. Escreveu e publicou artigos, poemas e livros, como *Colonização, Quilombos: modos e significações*, em 2015 e *A terra dá, a terra quer*, em 2023.

Neste último livro de Nego Bispo, belas xilogravuras de aves da Caatinga separam os capítulos. As xilogravuras são de Santídio Pereira, artista do interior do Piauí. E o texto da orelha foi escrito por Malcom Ferdinand. Ele é o autor do livro *Ecologia decolonial: Pensar a partir do mundo caribenho*, que, assim como Nego Bispo discute a interação entre o colonialismo e as problemáticas ambientais.

O livro *A terra dá, a terra quer* é um ensaio literário que apresenta críticas contundentes ao modo de vida capitalista urbano, ao qual a maioria de nós está habituada, contrastando-o com a sabedoria ancestral quilombola, profundamente enraizada na conexão com a natureza.

Nego Bispo desenvolveu o conceito de “contracolonização”, que questiona o modelo atual de desenvolvimento sustentável. Baseado em suas experiências nos quilombos, ele propõe

uma nova relação, mais harmônica e ética, entre os seres humanos e entre os humanos e a natureza.

A crise ambiental não é apenas uma expressão de problemas oriundos da natureza, mas sim o resultado de dinâmicas sociais e políticas que afetam a natureza (Loureiro; Layrargues, 2013). Os movimentos sociais têm reconhecido o aspecto ambiental como estratégico nas lutas democráticas, considerando que a disputa pelos recursos naturais é inerente ao sistema de propriedade privada capitalista. Em *A terra dá, a terra quer*, essa tensão social e a disputa pelos recursos naturais são vividamente exploradas.

Para melhor ilustrar o livro de Nego Bispo, selecionei citações e pensamentos do autor conforme a sequência dos capítulos.

[...] seguimos na prática das denominações dos modos e das falas, para contrariar o colonialismo. É o que chamamos de guerra das denominações: o jogo de contrariar as palavras coloniais como modo de enfraquecê-las (Santos, 2023, p.3).

No primeiro capítulo, Nego Bispo reflete sobre o peso das palavras que frequentemente usamos, importadas, carregadas de significados ocultos e negativos. Ele destaca que as populações mais marginalizadas, como os moradores de favelas, desenvolvem uma linguagem própria e repleta de gírias como uma forma de resistência ao sistema.

Nego Bispo propõe, assim, promover palavras com uma perspectiva “contracolonialista”. Por exemplo, substituir o termo “desenvolvimento” por “envolvimento” e “compartilhamento” por “confluência”, pois o prefixo “des” su-

gere negação ou separação, enquanto “partilha” traz a ideia de divisão e perda.

Por que os povos da cidade não se relacionam com a natureza? Porque têm medo. Porque são cosmo-fóbicos. [...] Só precisa armazenar quem não confia, quem tem medo da natureza não fornecer, medo da natureza castigar (Santos, 2023, p. 14).

No segundo capítulo, o autor introduz o conceito de “cosmofobia”, definido como um medo de quem vive na cidade, de quem foi expulso do Éden (da natureza). Por causa dessa desconexão com a natureza, quem vive na cidade é desconfiado, sente necessidade de acumular e extrair mais do que precisa, o que gera desigualdade, desperdício e lixo. O desenvolvimento para ele seria um tipo de desconexão, ou seja, um modo de extrair do cosmos, de transformar o orgânico em sintético e de quebrar a originalidade das coisas.

O autor também aborda as diversas percepções acerca dos resíduos. No campo, o que apodrece pode ser jogado no chão ou no quintal de casa porque é orgânico (natural). O que não apodrece é guardado porque pode vir a ser reaproveitado um dia. Nas cidades, tudo é jogado fora misturado, o sintético e o orgânico. O modo de vida é pautado no consumismo, na obsolescência planejada e nos descartáveis.

Como governar quem não se conhece? Dentro do reino animal, só existe política na espécie humana. Nas outras espécies existe a autogestão. Não existe um grupo de cabras que quer governar todos os rebanhos. Cada grupo de ca-

bras forma seu rebanho (Santos, 2023, p. 29).

No terceiro capítulo, o autor explica que os quilombos são uma confluência de saberes da África e dos povos indígenas, em regime de autogestão. Eles não têm política, têm modos de vida. Para Nego Bispo, a política é um instrumento colonialista, pois um pequeno grupo que se percebe iluminado quer decidir a vida de milhões de pessoas.

Ele também pondera sobre “o mundo do trabalho”, que está sendo substituído pelo “mundo do saber” e pelo “mundo do viver”. Ou seja, o foco da discussão está migrando da “fábrica” para o “território” e ele percebe que as pessoas já estão começando a falar em autogestão.

O contracolonialismo é simples: é você querer me colonizar e eu não aceitar que você me colonize, é eu me defender. O contracolonialismo é um modo de vida diferente do colonialismo (Santos, 2023, p. 36).

No quarto capítulo, Nego Bispo analisa a persistência do colonialismo em nossas vidas, destacando como exemplo o programa do governo federal “Minha Casa, Minha Vida”. Ele observa que o programa chegou às favelas removendo lajes das casas e às comunidades quilombolas construindo residências sem quintais, sem considerar o modo de vida das pessoas e o que elas valorizam. Para Nego Bispo, o Estado é essencialmente colonialista. Não existe governo bom, seja de direita ou de esquerda. Ser colonialista é como ser um adestrador de bois. É preciso “contracolônizar” a estrutura organizativa.

As pessoas falam de racismo, mas discutem o racismo apenas dentro da espécie humana. [...] Quando você oferece um peixe de água doce, pescado artesanalmente, as pessoas não querem. Só querem tambaqui ou tilápia, peixes que foram sintetizados (Santos, 2023, p. 52).

No quinto capítulo, o autor faz uma homenagem à Caatinga, onde todas as plantas são alimentícias, medicinais, forrageiras e necessárias. Ele reflete que os governantes “eurocristãos”, guiados por seus interesses políticos, tendem a destacar a pobreza enquanto ocultam a riqueza e o potencial da Caatinga. No Piauí, há o Festival da Uva, mas não há o Festival do Umbu. Por que comer pão de trigo, se a caatinga dá milho? Por que a manga tem que ser a Thompson, que vem de avião? É o colonialismo de submissão.

Nosso povo também dizia que a terra dá e a terra quer. Quando dizemos isso, não estamos falando da terra em si, mas da terra e de todos os seus compartilhantes (Santos, 2023, p. 59).

No sexto e último capítulo, ele discorre sobre os métodos de cultivo utilizados por seus antepassados. Não utilizavam venenos, pois semeavam várias espécies no mesmo lugar. Alguns animais se alimentavam de umas espécies e deixavam outras. O que sobrava era para os humanos. O plantio costumava seguir um

padrão triangular em vez de linear, o que permitia que a água da chuva não fluísse com força em linha reta, mas fosse distribuída. O povo quilombola possui o entendimento de que tudo o que nasce da natureza deve ser distribuído para todos, humanos e animais.

Nego Bispo conclui o livro expressando o desejo de que sua mensagem seja transmitida à sua neta, para que ela possa resistir ao colonialismo, pois ela representa uma nova geração e um novo começo.

A linguagem de Nego Bispo é predominantemente combativa, apesar das mensagens de harmonia e convivência. Este tom permeia quase todas as partes do livro, como evidenciado na declaração: “Não precisamos destruir os colonialistas, desde que não venham roubar o nosso sol ou o nosso vento”. Embora compreensível, dado o histórico de injustiças contra o povo quilombola, acredito que a abordagem separatista (do tipo “nós contra eles”) diminui o alcance do chamado à reflexão e à mudança de paradigmas.

Apesar do tom bélico, a leitura de *A terra dá, a terra quer* é uma experiência agradável e poética. Nego Bispo domina as palavras e brinca com elas, transmitindo seus pensamentos de forma objetiva e fluida, sem cansar o leitor. Contudo, ao chegar ao final, é inevitável sentir uma pontada de tristeza, pois este foi seu último livro, publicado no ano de seu falecimento em 2023.

Referências

- FERDINAND, Malcom. **Uma Ecologia decolonial**: Pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu Editora, 2022.
- LOUREIRO, Carlos Frederico B.; LAYRARGUES, Philippe Pomier. Ecologia Política, justiça e educação ambiental crítica: Perspectivas de aliança contra-hegemônica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 11, nº 1, pp. 53-71, 2013.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombo**: Modos e significações. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015.
- SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

Andrea Varella Teixeira é graduada em Medicina Veterinária pela Universidade de São Paulo (USP), possuindo aperfeiçoamento em “Desenvolvimento e Políticas Públicas” pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), Brasília. Atua como Analista Ambiental no Ministério do Meio Ambiente. **E-mail**: andreavteixeira@yahoo.com.br